

A queda da Barcelona, o anticomunismo e o exílio no romance *Longa Pétala de Mar*¹ de Isabel Allende²

The fall of Barcelona, anti-communism and exile in Isabel Allende's novel Long petal of the sea

La caída de Barcelona, el anticomunismo y el exilio en el romance Larga pétala de mar de Isabel Allende

Antônio Carlos Lopes Petean³

Resumo

Petean, A. C. L. A queda da Barcelona, o anticomunismo e o exílio no romance *Longa Pétala de Mar* de Isabel Allende. *Rev. C&Trópico*, v. 48, n. 1, p. 71-86, 2024. Doi: [https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1\(2024\)2241](https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1(2024)2241)

O livro de Isabel Allende, *Longa Pétala de Mar*, um romance histórico, oferece ao leitor um interessante panorama do final da guerra civil espanhola e o consequente exílio no Chile. Ao tratar da fuga de Barcelona e da relutância dos países democráticos diante da massa de refugiados espanhóis, a autora traz à tona o drama dos combatentes antifascistas espanhóis que se defrontaram com o anticomunismo muito além da Espanha. Na primeira parte do romance, os moradores da cidade de Barcelona, último baluarte dos defensores da república e da resistência ao fascismo espanhol, pressentem a derrota e sabem o que as mulheres da resistência sofreriam nas mãos das tropas mouras que lutam ao lado dos franquistas. Na segunda parte, o romance aborda o exílio no Chile e a ascensão da extrema direita chilena. Por isso essa obra nos permite pensar a literatura como fonte de conhecimento histórico.

Palavras-chave: Fascismo. Memória. Exílio.

Abstract

Petean, A. C. L. The fall of Barcelona, anti-communism and exile in Isabel Allende's novel *Long petal of the sea*. *Rev. C&Trópico*, v. 48, n. 1, p. 71-86, 2024. Doi: [https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1\(2024\)2241](https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1(2024)2241)

Isabel Allende's book *Long Petal of the Sea*, a historical novel, offers the reader an interesting panorama of the end of the Spanish civil war and the consequent exile in Chile. In dealing with the flight from Barcelona and the reluctance of democratic countries in the face of the mass of Spanish refugees, the author brings to light the drama of the Spanish anti-fascist fighters who faced anti-communism far beyond Spain. In the first part of the novel, the residents of the city of Barcelona, the last bulwark of the defenders of the republic and of the resistance to Spanish fascism, sense defeat and know what the women of the resistance would suffer at the hands of the Moorish troops fighting alongside the Francoists. In the second part, the novel addresses exile in Chile and the rise of the Chilean far right. That is why this work allows us to think of literature as a source of historical knowledge.

Keywords: Fascism. Memory. Exile.

Resumen

Petean, A. C. L. La caída de Barcelona, el anticomunismo y el exilio en el romance *Larga pétala de mar* de Isabel Allende. *Rev. C&Trópico*, v. 48, n. 1, p. 71-86, 2024. Doi: [https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1\(2024\)2241](https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1(2024)2241)

El libro de Isabel Allende "*Longa Pétala de Mar*", una novela histórica, ofrece al lector un interesante panorama del final de la Guerra Civil Española y el consiguiente exilio en Chile. Al abordar la huida de Barcelona y las reticencias de los países democráticos ante la masa de refugiados españoles, el autor saca a la luz el drama de los luchadores antifascistas españoles que se enfrentaron al anticomunismo mucho más allá de España. En la primera parte de la novela, los habitantes de la

¹ O poeta chileno Pablo Neruda se referia ao Chile como uma "Longa Pétala de Mar, vinho e neve". Portanto o nome do romance é uma referência a esse termo.

² É romancista, ensaísta e contista chilena, mas que nasceu em Lima, no Peru, e tornou-se cidadã norte-americana em 2003. Filha de Tomás Allende, diplomata chileno e primo-irmão de Salvador Allende. Sua obra e vida são marcadas pela ditadura civil-militar do Chile, implantada por meio de um golpe militar no ano de 1973. Golpe que derrubou o governo democrático do presidente socialista Salvador Allende.

³ Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/campus de Araraquara). E-mail: acpetean@yahoo.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4329-5107>

ciudad de Barcelona, último reducto de los defensores de la república y de la resistencia al fascismo español, intuyen la derrota y saben lo que sufrirían las mujeres de la resistencia a manos de las tropas moriscas que luchaban del lado de los franquistas. En la segunda parte, la novela aborda el exilio en Chile y el ascenso de la extrema derecha chilena. Es por ello que este trabajo nos permite pensar en la literatura como una fuente de conocimiento histórico.

Palabras clave: Fascismo. Memoria. Exilio.

Data de submissão: 20/01/2024

Data de aceite: 29/05/2024

1. Introdução

O romance *Longa Pétala de Mar* de Isabel Allende possui dois momentos distintos, mas interligados. Na primeira parte da obra, o leitor estará diante dos momentos cruciais da queda da cidade de Barcelona (durante a guerra civil espanhola); na segunda parte, ele será transportado para o Chile e para o início da ditadura militar chilena, comandada pelo general Augusto Pinochet. Nos dois momentos, a autora, magistralmente, oferece ao leitor um retrato das divisões políticas e ideológicas que marcaram as sociedades espanhola e chilena, em momentos distintos, porém profundamente violentos. Um conflito que envolveu militantes da esquerda, fascistas, republicanos e a comunidade internacional.

Ainda que tenha sido resultante de condições políticas, econômicas e sociais geradas dentro da Espanha, o conflito civil espanhol adquiriu feições internacionais, não apenas pela participação efetiva da Alemanha, da Itália e da União Soviética, mas por ter impactado a sociedade civil de muitos países (Souza, 2018, p.10).

Da guerra civil espanhola (1936-1939) à ditadura militar chilena (1973-1990), o protagonista, o jovem médico Victor Dalmau, defronta-se com a barbárie que os homens são capazes de cometer para salvaguardar o *status quo*. Nesse romance de Isabel Allende, o leitor encontrará, na Espanha e no Chile, o discurso anticomunista das elites econômicas desses dois países. Elites que reafirmaram a importância da valorização da tradição católica diante do ateísmo marxista. A lógica era a mesma, ou seja, o discurso anticomunista tanto da extrema direita espanhola quanto da chilena reforçava o sentimento de medo. Além desse discurso, outra questão é tratada pela autora: o desejo de pertencimento da elite chilena e a crença intrínseca da elite rural espanhola de estar realizando uma cruzada para defender os valores do cristianismo e do “sangue” espanhol. Por isso, o romance *Longa Pétala de Mar* nos permite refletir sobre o lugar e os vínculos da literatura com as narrativas da história da cultura. Um vínculo forte, mas negligenciado. Por isso:

Antes de mais nada, a ciência da literatura deve estabelecer o vínculo mais estreito com a história da cultura. A literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época. É inaceitável separá-la do restante da cultura e, como se faz constantemente, ligá-la imediatamente a fatores socioeconômicos, passando, por assim dizer, por cima da cultura (Bakhtin, 2017, p.11).

Bakhtin defende a literatura como parte constitutiva da história da cultura e, com base nessa defesa, o estudo de obras literárias deve ser um dos componentes da história da cultura. A obra *Longa Pétala de Mar* tem lugar nos estudos sobre as representações da guerra civil espanhola e nos estudos sobre a cultura fascista que deixou marcas muito além da Europa. Por isso, a análise do romance de Isabel Allende é restrita aos fatos históricos presentes na narrativa literária.

2. O Franquismo e a lógica fascista do inimigo imaginário

Na guerra civil espanhola, como médico, e depois como exilado no Chile, Victor Dalmau presenciou como o ódio e a violência política causam fraturas na sociedade. Aliás, acompanhou como as elites econômicas, da Espanha e do Chile, não toleraram a luta por melhores condições de vida para as classes mais baixas. Elites que não pouparam esforços para destruir todos os avanços sociais e políticos instituídos por governos progressistas.

Em julho de 1936 os militares se amotinaram contra o governo democrático. Logo a sublevação foi encabeçada pelo general Francisco Franco, cujo aspecto insignificante ocultava um temperamento frio, vingativo e brutal. Seu sonho mais ambicioso era devolver à Espanha as glórias imperiais do passado, e seu propósito imediato, acabar definitivamente com a desordem da democracia e governar com mão de ferro por meio das forças armadas e da Igreja Católica. Os revoltosos esperavam ocupar o país em uma semana e depararam com a resistência inesperada dos trabalhadores organizados em milícias e decididos a defender os direitos obtidos com a república. Então começou a época do ódio desbragado, da vingança e do terror que haveria de custar à Espanha um milhão de vítimas. A estratégia dos homens a mando de Franco era derramar o máximo de sangue e semear o medo, única forma de extirpar qualquer sombra de resistência na população vencida (Allende, 2019, p. 22-23).

O desejo de Franco era restituir as tradições de uma Espanha Cristã, cujos valores cristãos norteariam a vida social, eliminando as instituições democráticas. O retorno às glórias passadas e a luta assim encampada escondiam o desejo da burguesia e dos latifundiários de eliminar as conquistas sociais. Franco e os franquistas alimentaram o discurso anticomunista, a valorização das tradições e trataram de enfraquecer as instituições. Atraíram a classe média urbana com a tese do fortalecimento da tradição católica. Estratégia similar à do fascismo italiano. Segundo Konder (2009), na Itália de Mussolini, as camadas médias da população se empolgaram com a ideia de serem os legítimos herdeiros da Roma imperial e se lançaram nos braços do fascismo para relançar os alicerces da grandeza da Itália.

Para Eco (2018), o fascismo exalta a ideia de nação e a tradição católica e patriarcal. Esses temas têm grande peso num mundo em que as condições técnicas da produção exacerbam a competição entre os homens, jogando uns contra os outros, criando uma vida

social marcada pela solidão e pelo medo, segundo analisa Konder (2009). É nesse contexto que a ideia de nação e a defesa das tradições servem de argamassa para consolidar uma comunidade de indivíduos que se reconhecem diante de um mundo desagregador e assustador, pois repleto de inimigos. Por isso, o fascismo é o movimento político que necessita de inimigos imaginários para manter a comunidade de seguidores. Na Espanha, os franquistas e demais organizações de extrema direita elegeram o poeta Federico Garcia Lorca como o inimigo da tradicional família católica espanhola. Segundo Gibson (1979), Lorca, homossexual assumido, era diretor do teatro universitário *La Barraca* e foi acusado de ser amigo da URSS e de corromper os jovens estudantes do teatro. Gibson também diz que a repressão em Granada, terra do poeta, fora das mais brutais, pois a extrema direita estabeleceu que os inimigos imaginários eram os maçons, os anarquistas, os comunistas e todos os partidários da república. Mas as acusações que caíram sobre o poeta nunca foram comprovadas e permanecem objeto de discussões, segundo Gibson (1979). Aliás, Federico Garcia Lorca nunca escondeu que era antifascista e simpatizante da república espanhola, sendo visto como uma ameaça à tradicional família católica, inclusive por ter se declarado homossexual e ter amigos do partido comunista. Um inimigo dos valores patriarcais de uma Espanha à beira da guerra civil.

3. A fuga de Barcelona, o anticomunismo e o exílio

O livro *Longa Pétala de Mar* oferece ao leitor um interessante panorama histórico e político da Espanha e do Chile e mostra como os movimentos de extrema direita apostaram na força para impedir a ascensão de projetos políticos mais democráticos e de caráter mais social. Na primeira parte do romance, os moradores da cidade de Barcelona, último baluarte da república e da resistência ao franquismo, pressentem a derrota e as mulheres da resistência sabem o que lhes aguarda se caírem nas mãos das tropas mouras, as do lado das forças de extrema direita e dos nacionalistas do “generalíssimo Francisco Franco”. A fuga de Barcelona é descrita na obra como desesperadora e, na fronteira com a França, aqueles que combateram pela república vivenciam a incerteza quanto ao acolhimento da República Francesa. Além disso, há o rumor sobre o avanço das tropas nazifascistas, o que desencadeia desespero naqueles que buscaram asilo do outro lado da fronteira. A autora mostra que a França republicana foi relutante em permitir a passagem daqueles que combateram o franquismo, pois ela temia que uma “massa” de comunistas contaminasse seu território. As mentiras sobre os homens e as mulheres que procuraram refúgio no território francês dificultaram a aceitação. Isabel Allende, por meio do romance, diz que vários países eram refratários quanto a receber

aquela horda de comunistas, anarquistas e infectados. É a ambiguidade que a autora descreve no romance *Longa Pétala de Mar*. Pois países como França, Estados Unidos da América, Inglaterra e Chile demonstraram-se temerosos em receber aqueles que lutaram contra o nazifascismo. Inclusive, países administrados por partidos de esquerda, com governos social-democratas, dificultaram a entrada dos exilados em seu território. Alguns criaram até um questionário classificatório para receber os refugiados, como foi o caso do Chile, segundo Allende (2019).

No início do romance, Isabel Allende quebra a hipocrisia da mídia europeia que apenas olhava (e ainda olha) para as crianças recrutadas nas guerras na África. A autora, nas primeiras linhas, aborda o recrutamento das crianças espanholas quando obtenção da mão de obra adulta masculina torna-se difícil ou impossível de repor. As crianças recrutadas são chamadas pela autora de soldadinhos da “Convocação da Mamadeira”. Uma daquelas crianças ganha certo destaque na obra pela ligação que tem com o médico Victor Dalmau. Este, num gesto mais impulsivo que dentro dos parâmetros da medicina, consegue que o coração de um menino combatente volte a bater. Diz Allende (2019) que os feridos chegavam de trem às centenas, que era preciso fazer um diagnóstico rápido, classificá-los e enviá-los para cuidados segundo os ferimentos. No tumulto, as voluntárias tentavam acalmar aqueles em situação crítica e os padioleiros os levavam para o depósito de cadáveres (Allende, 2019). Mas, entre esses, havia um menino soldadinho que fora atendido pelo médico Victor Dalmau.

O soldadinho tinha um orifício no peito, e o médico, depois de examiná-lo sumariamente sem encontrar seu pulso, determinou que já não lhe cabia nenhum socorro e que ele já não precisava de morfina nem de consolo. Na testa seu ferimento tinha sido tapado com um trapo e protegido com um prato de latão invertido para evitar atrito, e seu tórax tinha sido envolvido numa faixa, mas isso fazia várias horas ou vários dias ou vários trens, impossível saber (Allende, 2019, p.12).

Diz a autora que Dalmau estava ali para ajudar os médicos, como voluntário, pois estava impossibilitado de combater devido ao ferimento em sua perna. Ao ver o menino, ele intervém.

Retirou cuidadosamente os trapos e verificou assombrado que o ferimento estava aberto e tão limpo como se tivesse sido pintado no peito. Não conseguiu entender como o impacto tinha destroçado as costelas e partido o esterno sem pulverizar o coração. Nos quase três anos de prática na Guerra Civil Espanhola primeiro nos fronts de Madri e Teruel, depois no hospital de evacuação, em Manresa, Victor Dalmau acreditava ter visto de tudo e estar imunizado contra o sofrimento alheio, mas nunca tinha visto um coração vivo. Fascinado, presenciou os últimos batimentos, cada vez mais lentos e esporádicos, até que eles pararam totalmente, e o soldadinho acabou de expirar o último suspiro. Por um breve instante Dalmau ficou imóvel, contemplando o oco vermelho onde já nada batia. Entre todas as recordações da guerra, aquela seria a mais pertinaz e recorrente: aquele menino de

quinze ou dezesseis anos, ainda imberbe, sujo de batalha e sangue seco, estendido numa esteira com o coração a céu aberto. Nunca pode explicar a si mesmo por que introduziu três dedos da mão direita no espantoso ferimento, circundou o órgão e apertou várias vezes ritmadamente, com a maior calma e naturalidade, durante um tempo impossível de lembrar, talvez trinta segundos, talvez uma eternidade. E então sentiu que o coração revivia entre seus dedos, primeiro com um tremor quase imperceptível e depois com vigor e regularidade (Allende, 2019, p.12-13).

As memórias da guerra acompanharam Victor Dalmau. Mas, apesar do esforço dos republicanos em salvar vidas e a república, eles sabiam que os fascistas franquistas tinham vantagem em tropas e armamentos. Contavam com o apoio da igreja, dos militares rebeldes (franquistas), das tropas coloniais do Marrocos - compostas pelos mercenários mouros - e ainda tinham o apoio de Mussolini e do regime Nazista alemão. O romance fala da luta dos republicanos na defesa de Madri e como haviam contido os mouros.

Os militares rebeldes tinham ocupado a maior parte da Espanha, mas não haviam conseguido tomar Madri, cuja defesa desesperada rua a rua, casa a casa a convertera no símbolo da guerra. Eles contavam com as tropas coloniais do Marrocos, os temidos mouros, e com a formidável ajuda de Mussolini e Hitler, mas a resistência dos republicanos os tinha bloqueado diante da capital no começo da guerra (Allende, 2019, p. 19).

Quanto à participação moura na guerra civil espanhola, Diehl (2020) afirma que “a presença da vistosa ‘Guarda Moura’ com seus turbantes e capas brancas, formada por soldados muçulmanos marroquinos, fez parte da ‘Cruzada’ franquista e que tal dado é esquecido pelo fato de a complexa Guerra Civil Espanhola ser mostrada com um dualismo simplista de católicos versus comunistas e maçons, ou entre democratas republicanos contra fascistas”. Entretanto a questão central, segundo Gusmão (2022), é que os partidos de direita e os militares não aceitaram a vitória da Frente Popular nas urnas. Eles se uniram em torno da suposição de que a Espanha estava prestes a repetir a Revolução Russa de 1917 e que o comunismo destruiria as tradições da Espanha católica.

O discurso anticomunista também serviu para atrair muitos soldados marroquinos à causa franquista. Outra questão que se coloca para explicar a adesão dos marroquinos é o fato da república espanhola não aceitar o nacionalismo no norte da África, especificamente no Marrocos. Segundo Diehl (2020), porém, muitos muçulmanos, de diferentes países, estavam presentes nas fileiras republicanas e se inseriram no contexto das Brigadas Internacionais, constituídas por voluntários de vários países que desejassem combater pela República contra os franquistas. Diz ainda Diehl (2020) que nem todos os brigadistas eram socialistas ou comunistas, mas de diferentes correntes políticas, como anarquistas e social-democratas, que

se viam ameaçados com a ascensão dos regimes fascistas na Espanha, Portugal, Itália e Alemanha.

O irmão de Victor Dalmau participava da resistência que se organizara em Madri para deter o avanço da extrema direita franquista. Ele era um dos republicanos mais empenhados na luta contra o fascismo franquista. Os republicanos sabiam que a derrota era uma condenação de morte, pois os fascistas não faziam prisioneiros. O massacre ocorrido na cidade de Granada, na Andaluzia, dava-lhes bons motivos para crer que não haveria prisioneiros. E o desenrolar do conflito e as posteriores análises dos historiadores comprovavam essa crença.

Gibson (1979) afirma que, em Granada, o governo civil, formado por falangistas e oficiais do exército que se rebelaram contra a república, não fazia prisioneiros e os presos eram levados a vários lugares ao redor da cidade, onde eram fuzilados, ou ao próprio cemitério da cidade de Granada. Os prisioneiros eram os indesejáveis comunistas, anarquistas, republicanos, sindicalistas e todos que simpatizavam com a república. Em Granada, houve, segundo Gibson (1979), um grande reavivamento católico e os soldados nacionalistas se declaravam soldados de uma cruzada católica contra os inimigos de Deus.

Por isso, em Madri e por toda a Catalunha, os republicanos sabiam que os fascistas não faziam prisioneiros e que deveriam defender a democracia e os direitos sociais contra os exploradores. O pai de Victor Dalmau era o mais entusiasmado.

“Estamos fazendo história. Vamos tirar a Espanha do feudalismo secular, somos o exemplo da Europa, a resposta ao fascismo de Hitler e Mussolini” – pregava Marcel Lluíz Dalmau aos filhos e aos parceiros do Rocinante, bar de aspecto tenebroso e espírito elevado, onde se juntavam diariamente os mesmos fregueses para jogar dominó e beber vinho barato. “Vamos acabar com os privilégios da oligarquia, da igreja, dos latifundiários e do restante dos exploradores do povo. Precisamos defender a democracia, amigos, mas lembrem que nem tudo há de ser política. Sem ciência, indústria e técnica, não há progresso possível, e sem música e arte não há alma”, afirmava. Em princípio Victor concordava com o pai, mas procurava escapar de suas arengas, que com poucas variantes eram sempre as mesmas (Allende, 2019, p. 23-24).

Mas a Espanha estava dividida e a resistência republicana, tenaz, não fazia frente à capacidade bélica dos franquistas fascistas que receberam apoio dos nazistas alemães e dos fascistas italianos. Apesar da forte resistência, no final do ano de 1938, um sentimento de derrota se abateu sobre a família de Victor Dalmau. Seu pai, sua mãe e amigos pressentiram a derrota da república e a queda de Barcelona.

As tropas de Franco avançaram inexoravelmente, depois de terem conquistado a maior parte do país, e ficou evidente que a Catalunha também cairia. O terror foi se apoderando da cidade, as pessoas preparavam-se para fugir e muitos já o tinham feito (Allende, 2019, p.45).

Segundo a autora, até os médicos haviam abandonado seus postos e membros do governo republicano seguiram para o exílio, pois sabiam que Franco não faria prisioneiros e todos seriam fuzilados. Este saber, que gerou pânico, é confirmado pelos estudos sobre a guerra civil espanhola: nos seus últimos dias; diante da certeza da derrota, os rumores sobre o extermínio que seria promovido pelos franquistas se espalharam e geraram pânico.

Vários médicos civis haviam abandonado seus postos, e os que ficavam tentavam evitar o pânico entre os pacientes do hospital. Dois integrantes do governo republicano também tinham optado pelo exílio, com a ideia de continuar governando de Paris, e isso acabou de minar a moral da população civil. Naquele momento os nacionais estavam a menos de 25 quilômetros de Barcelona (ALLENDE, 2019, p.45).

O momento ao qual a autora se refere era o final de janeiro. O mês do êxodo desesperado daqueles que lutaram pela república, mas que não sabiam o que lhes aguardava na fronteira da Espanha com a França, apesar de alguns rumores. A autora descreve assim a fuga de Barcelona em pleno inverno:

Aquele dia do final de janeiro em Barcelona, quando começou o êxodo que seria chamado de Retirada, amanheceu tão frio que a água congelava nos canos, os veículos e os animais ficavam grudados no gelo, e o céu, encapotado de nuvens negras, estava de luto profundo. Foi um dos invernos mais rigorosos na memória coletiva. As tropas franquistas desciam pelo monte Tibidabo, e o pânico se apoderou da população. Centenas de prisioneiros do exército nacional foram arrancados de suas celas e executados na última hora. Soldados, muitos deles feridos, empreenderam a marcha em direção à fronteira da França, atrás de mulheres e milhares de civis, famílias inteiras, avós, mães, crianças, bebês de peito, cada um com o que podia levar consigo, alguns em ônibus ou caminhões, outros de bicicleta, carroça, cavalo ou mula, a grande maioria a pé, arrastando seus pertences em sacos, numa lamentável procissão de desesperados (ALLENDE, 2019, p.48).

O protagonista Victor Dalmau ficou para trás ajudando a evacuar os feridos que foram retirados, segundo Allende (2019), nos veículos disponíveis. Um êxodo desesperador e marcado pelos constantes ataques da força aérea alemã e da espanhola. Ele, Victor Dalmau, tinha certeza de que os franquistas não poupariam ninguém e que os vencedores seriam aclamados, é o que nos diz a autora:

Os vencedores seriam recebidos com vivas por uma multidão de inimigos da República, que tinham ficado dissimulados na cidade durante três anos, e por muitos outros que, impelidos pelo medo, pretendiam congraçar-se e fazer de conta que nunca tinham participado da revolução. Cremos em Deus, cremos na Espanha, cremos em Franco. Amamos a deus, amamos a Espanha, amamos o generalíssimo Franco. Depois começava o expurgo (Allende, 2019, p.50-51).

Nessa passagem da obra, fica evidente o lema fascista e nacionalista: amar a Deus e a Pátria. Mas o expurgo recaiu não apenas sobre os republicanos, pois atingiu a todos que o fascismo e a Igreja católica consideravam como inimigos. Para a extrema direita espanhola, a

guerra civil representava a continuidade das cruzadas que expulsaram os mouros, conforme relata Gibson (1979) ao abordar a guerra civil na cidade de Granada. Allende (2019) também corrobora essa tese ao dizer que a repressão atingiu todos aqueles que foram acusados de atividades antiespanhola e anticatólica, incluindo agnósticos, maçons, professores, maestros, cientistas, filósofos, judeus e ciganos. Gibson (1979) afirma que a extrema direita espanhola criou um conceito representando bem a obsessão pelo inimigo imaginário, pois pregava que um complô marxista-judaico-maçônico objetivava dominar a Espanha e deveria ser destruído para salvar as tradições católicas da nação.

Os refugiados não receberam a acolhida esperada na fronteira da França. Apesar da França ter um governo de esquerda, socialista, as pressões internas eram para não receber os “delinquentes” espanhóis que lutaram contra o fascismo. A França também se encontrava dividida e as pressões da extrema direita francesa baseavam-se na disseminação do medo e do ódio. Nas palavras de Allende, a imprensa contribuiu para o xenofobismo e o anticomunismo.

Ninguém queria aqueles estrangeiros, vermelhos, seres repugnantes, sujos, fugitivos, desertores, delinquentes, como eram chamados pela imprensa; iam propagar epidemias, cometer roubos e violações e propiciar uma revolução comunista. Fazia três anos que os espanhóis iam chegando a conta-gotas, fugidos da guerra; tinham sido recebidos com pouquíssima simpatia, mas distribuindo-se pelo país, eram quase invisíveis. Com a derrota dos republicanos, supunha-se que o fluxo aumentaria; as autoridades esperavam um número indeterminado, no máximo dez ou quinze mil, cifra que alarmava a direita francesa. Ninguém imaginou que, em poucos dias, na fronteira se amontoaria uma multidão de quase meio milhão de espanhóis no grau máximo de desorientação, terror e miséria (ALLENDE, 2019, p. 51).

Allende (2019) ainda diz que a França fechara a fronteira e milhares de refugiados estavam bloqueados, sofrendo e morrendo com o frio e a fome. Afirma ainda a autora que a França estava assustada com a multidão se aglomerando na fronteira e que poderia perder o controle se não tomasse providências, pois o país estava sendo inundado por uma massa indesejada.

A França observava com espanto o modo como ia se aglomerando na fronteira uma imensa multidão abjeta, que os franceses mal conseguiam manter sob controle com militares armados e as temíveis tropas coloniais do Senegal e da Argélia, a cavalo, com seus turbantes, fuzis e chicotes. O país estava sendo inundado por aquele êxodo maciço de indesejáveis, como foram oficialmente qualificados. No terceiro dia, diante do clamor internacional, o governo deixou que mulheres, crianças e idosos passassem. Depois foram entrando os civis restantes e no fim os combatentes, que desfilavam no estágio extremo de fome e fadiga, mas cantando com o punho erguido, depois de terem entregado as armas. De ambos os lados da estrada formaram-se montanhas de fuzis. Eles foram conduzidos a pé, em marchas forçadas, a vários campos de concentração improvisados com pressa para conter os espanhóis (Allende, 2019, p.64).

O romance *Longa Pétala de Mar* descreve em dois momentos a presença de soldados de origem africana no contexto da guerra civil espanhola. Primeiro apresenta as tropas coloniais

que combateram ao lado dos franquistas e fascistas espanhóis, os temíveis mouros; no segundo momento, a obra aborda a presença das tropas coloniais francesas do Senegal e da Argélia, com seus turbantes. A presença desses combatentes de origem africana, descrita por Allende (2019), possibilita uma reflexão sobre o colonialismo, o racismo e a dominação sobre os povos colonizados pela França, permitindo um diálogo entre conhecimento histórico e literatura.

A obra não faz uso da terminologia campos de refugiados, mas campos de concentração, ao abordar os espaços construídos para receber os refugiados da guerra civil espanhola. Diz Allende (2019) que, nesses campos, a morte e a violência atingiam principalmente mulheres e crianças, que as condições materiais eram precárias e as mulheres se organizaram para se defenderem das agressões sexuais. Tomanik (2017) corrobora o romance ao afirmar que, inicialmente, a França não ofereceu as condições mínimas para os refugiados nos campos e que as condições de higiene, abrigo e alimentação oferecidas pelo governo da França aos refugiados da guerra civil espanhola, naquele inverno de 1939, eram as piores. A questão que se coloca até hoje é:

...cabe questionar quais seriam os meios para receber, abrigar e alimentar dignamente os refugiados hispânicos naquela situação inesperada e de proporção multitudinária? Não encontramos resposta a esse questionamento, uma problemática ainda contemporânea – qual seria a melhor maneira de acolher e prestar verdadeira ajuda humanitária aos povos refugiados diante de guerras e revoluções? É um dilema que enfrentam recorrentemente países fronteiriços e situados próximo a regiões envolvidas em conflitos políticos, sociais e mesmo religiosos e étnicos até os dias de hoje, ainda mais em um mundo globalizado onde há uma disputa pela hegemonia entre ideologias distintas, como se não houvesse a possibilidade de diálogo e de coabitação dentro dos seus territórios entre diferentes tendências religiosas e ascendências étnicas (Tomanik, 2017, p. 2019).

Como em toda guerra, seja civil ou entre estados, a barbárie da violência sexual sempre está presente e atinge os corpos das mulheres. Diz a autora que: “As mulheres se juntavam em grupos cerrados para defender-se da agressão sexual dos guardas e de alguns refugiados, que, depois de terem perdido tudo, não tinham ficado nem com a decência” (Allende, 2019, p. 65). Coloca também que o fim da solidariedade marcava aqueles campos.

Uma vez por dia repartia-se a lentilha aguada e às vezes café frio; ou passavam caminhões atirando pães. Os homens travavam luta de morte para apanhá-los; as mulheres e as crianças recebiam migalhas quando alguém se apiedava e repartia sua porção. Morriam muitos, entre trinta e quarenta por dia, primeiro as crianças de disenteria, depois os velhos de pneumonia e depois o restante, pouco a pouco (Allende, 2019, p.65).

O que a autora escreve é que, em situações extremas, as relações pautadas pela empatia são as primeiras a desaparecerem. Isabel Allende descreve a situação das mulheres e crianças

nos campos de refugiados como extremas. Afinal, assolados pela fome, os refugiados disputavam as migalhas. Mas, além da fome, havia as doenças que dizimaram crianças e idosos e ninguém queria aceitar os refugiados, vistos como “perigosos vermelhos” pela imprensa de direita de vários países, inclusive a do Chile.

Palco de uma luta fratricida, a Espanha assumiu aos olhos do mundo uma importância decisiva, visto que os ideais defendidos pelos grupos em conflito permeavam o imaginário coletivo mundial. Em meados da década de 1930, a polarização política no Brasil impulsionava as visões maniqueístas acerca do complexo jogo de forças ideológicas presentes em solo ibérico. Os setores conservadores que se aglutinaram em defesa do golpe contra a República espanhola foram rapidamente identificados com o fascismo e os republicanos taxados de “vermelhos”. A guerra foi utilizada, em muitos países, como referência para a afirmação de um conjunto de valores éticos, morais e políticos sujeitos a generalizações de todos os tipos (Souza, 2018, p. 10).

Segundo Tomanik (2017), para os refugiados espanhóis, cruzar a fronteira franco-espanhola e abandonar a Espanha, desencadeava forte emoção devido ao afastamento dos seus entes queridos; diante da proximidade do exílio, a ruptura com as suas raízes tornava-se evidente, deixando-os, literalmente, sem o chão da sua terra natal e com muitas incertezas.

A incerteza acerca do futuro imperava entre os refugiados espanhóis, aumentada com a derrota na Guerra Civil. La Retirada foi um prelúdio das adversidades que enfrentariam os republicanos espanhóis vencidos, que involuntariamente se tornaram exilados ao cruzarem a fronteira francesa – diante da contingência da sobrevivência – e dependentes do arbítrio dos seus anfitriões, temporariamente. (Tomanik, 2017, p. 148).

Porém, Allende (2019) descreve que lentamente os refugiados eram aceitos e que o Chile foi um dos países latino-americanos que se dispôs a aceitar um número de refugiados, impondo certas condições: graças à intervenção do poeta Pablo Neruda, o governo chileno aceitou receber certo número de refugiados; mas impôs certas condições, como é descrito na obra.

Segundo Neruda, o critério chileno de imigração sempre tinha sido racista, existiam instruções confidenciais para os cônsules negarem visto a pessoas de várias categorias, raças e nacionalidades, desde ciganos, negros e judeus até os chamados orientais, termo vago que se prestava a várias interpretações (Allende, 2019, p.87).

Além do critério racial, o Chile estabeleceu critérios políticos para os refugiados espanhóis serem aceitos.

À xenofobia se somava agora o componente político, nada de comunistas, socialistas e anarquistas, mas, como isso não estava especificado por escrito nas instruções aos cônsules, havia certa margem de ação. Neruda tinha uma tarefa hercúlea pela frente: precisava financiar e preparar um navio, selecionar os imigrantes e conseguir para eles a cota de dinheiro exigida pelo governo para garantir sua manutenção em caso de não contarem com parentes ou amigos no Chile para recebê-los (Allende, 2019, p. 87).

Na Argentina, Chile e Uruguai, os bascos e catalães nutriam simpatias pelos republicanos e por aqueles que lutaram contra o fascismo e estavam dispostos a ajudar. Vale destacar que o Chile foi um dos países que mais acolheu os refugiados da guerra civil espanhola graças à ação do poeta Pablo Neruda.

O Chile merece destaque na história do asilo diplomático não apenas pela quantidade de pessoas acolhidas, mas também porque permaneceu defendendo o direito de asilo após o término da guerra, asilando até 1940 os partidários da República espanhola. Os esforços de Pablo Neruda, representante diplomático na capital espanhola, para convencer o governo de seu país a conceder abrigo a milhares de republicanos que após a guerra não tinham outra alternativa que não a de deixar o país, é um dos exemplos mais eloquentes da cooperação e da dimensão solidária que a causa republicana alcançou no exterior (Souza, 2018, p.11).

O protagonista Victor Dalmau foi um dos refugiados que fez a longa travessia, estabeleceu-se no Chile e viveu para presenciar a disputa entre a esquerda chilena e as forças de direita que deram o golpe de estado, depondo Salvador Allende e instituindo a ditadura do general Augusto Pinochet em 1973.

No romance *Longa Pétala de Mar*, a autora diz que a tensão política no Chile se fez presente logo após a vitória eleitoral do presidente Salvador Allende, pois grupos de extrema direita, os militares chilenos, a oligarquia rural e os EUA, deixaram claro que não aceitariam um governo comunista lá.

A tensão era palpável no ar, e o plano para barrar Allende já tinha sido posto em marcha antes que ele assumisse o cargo. Nas semanas seguintes, um complô apoiado pelos americanos culminou no assassinato do comandante em chefe do exército, militar respeitoso da constituição, que convinha tirar de circulação. O crime teve efeito contrário ao planejado e, em vez de sublevar os militares, produziu indignação coletiva e fortaleceu a tradição legalista na maioria dos chilenos, pouco acostumados àqueles métodos de facínoras, próprios de alguma república das bananas, nunca do Chile, onde diferenças não se resolviam a tiros, como disseram os jornais. O congresso ratificou Salvador Allende, que se tornou o primeiro mandatário marxista eleito democraticamente (Allende,, 2019, p. 193).

Alguns anos depois da posse, no entanto, o Chile conviveu com locautes, greves e com a insatisfação das forças armadas que, apoiadas pelos EUA, deram um golpe de estado e colocaram o general Augusto Pinochet no poder, apesar da resistência do presidente Allende que defendia a transição pacífica ao socialismo.

Allende denunciava por todos os meios a intervenção do governo americano. Nixon e Kissinger haviam jurado impedir que a experiência chilena triunfasse, pois podia espalhar-se como rastilho de pólvora pelo restante da América Latina e da Europa, e, quando não puderam impedir por meio de suborno e ameaças, começaram a cortejar os militares. Allende não subestimava os inimigos externos e internos, mas confiava de modo irracional que o povo defenderia seu governo (Allende,, 2019, p. 193).

Allende sabia que o Chile estava dividido e o acirramento da tensão política impossibilitava uma saída pacífica da crise. Nesse contexto, Victor Dalmau celebrava as melhorias na saúde promovidas pelo governo Allende, segundo consta no livro *Longa Pétala de Mar*.

Victor, que tanto celebrara as melhorias na saúde pública, desde o copo de leite diário por criança, para paliar a desnutrição, até a construção de hospitais, viu-se diante da falta de antibióticos, anestésias, agulhas, seringas, medicamentos básicos e gente para atender os doentes, porque vários médicos tinham ido embora do Chile para escapar da temida tirania soviética, anunciada pela propaganda da oposição, e porque o conselho de medicina declarara greve, e a maioria dos colegas acatou. Ele continuou trabalhando com carga horária dupla. Dormia em pé, cansado até a alma, com a sensação de ter vivido algo semelhante na guerra civil. Outros conselhos profissionais e associações de patrões e empresários também pararam. Quando os caminhoneiros se negaram a trabalhar, aquele país comprido ficou sem transporte: os peixes apodreciam no Norte, e as verduras e frutas, no Sul, enquanto em Santiago faltava o essencial. Allende denunciava alto e bom som a intervenção americana, que financiava caminhoneiros, e a conspiração da direita (Allende, 2019, p.200).

Novamente Victor se via diante de uma extrema direita que propagava o comunismo como o grande inimigo comum a ser combatido. E mais uma vez a extrema direita pregava que estava salvando as famílias cristãs ameaçadas pelo marxismo soviético, segundo Allende (2019). E Pupin (2020), ao analisar o fascismo hispânico afirma que o pensamento conservador pinochetista e o franquista eram semelhantes, pois as lembranças e comemorações das glórias do passado espanhol eram exaltadas para difundir o catolicismo, o nacionalismo e o patriotismo no Chile e na Espanha.

4. Considerações finais

A exaltação do passado, apresentado como grandioso e quase “mítico”, é um dos pilares do fascismo, segundo Eco (2018). Exaltando as glórias do passado e alicerçando-se na tradição, o fascismo, ao criar raízes na sociedade, promove a exclusão daqueles que não possuem a mesma tradição, os mesmos antepassados e crenças. Por isso o discurso e a prática fascista da ditadura chilena e do franquismo têm características xenófobas, patriarcais e, ao darem ênfase as tradições cristãs, reforçam o nacionalismo. Características realçadas por Allende (2019) na sua obra *Longa Pétala de Mar* e corroboradas pelos historiadores que analisam o fascismo franquista e a ditadura chilena.

Duas ditaduras semelhantes por difundir ideais nacionalistas, perseguir opositores, adotar o discurso do anticomunismo e se pautar pela defesa da família tradicional cristã.

A ditadura chilena é conhecida pelo seu autoritarismo político e adoção de programas econômicos e sociais neoliberais. No plano cultural, houve iniciativas que constituíram uma terceira frente de legitimação, a partir de práticas como a apropriação do discurso franquista sobre a América Latina. O governo de Augusto Pinochet (1973-1990) construiu um discurso político-cultural que emulava as

construções culturais da ditadura de Francisco Franco (1939-1975) e seus esforços em enaltecer e justificar seu poder a partir de memórias monumentalizadas da história da Espanha (PupinN, 2020, p. 186).

Aliás, a adoção de um programa liberal radical para a economia chilena foi a marca da ditadura de Pinochet. Programa que instituiu um serviço de saúde privatista, muito diferente daquele que o médico Victor Dalmau conhecera com o governo de Salvador Allende. Mas o extermínio dos opositores logo se fez presente no Chile do general Augusto Pinochet e o médico Dalmau se viu diante de um novo exílio. Por isso, o encontro da literatura com a pesquisa histórica permite uma maior compreensão e avaliação do objeto estudado. Pois a função da literatura, enquanto arte, e da história, é contribuir para a conscientização do sujeito-leitor, segundo Frederico (2005). Pensando nessas questões, devemos nos perguntar qual o lugar da literatura na construção do conhecimento histórico, pois, o sujeito, seja ele o escritor romancista, ou o historiador, que observa a sociedade e reflete sobre ela, contribui para o despertar da consciência ao revelar histórias, sistemas de valores e ideologias que estão vivas e ainda orientam uma parcela significativa da sociedade. Afinal, esses sujeitos, o escritor e o historiador, ao manterem relações com as estruturas sociais e com a história, possibilitam uma maior compreensão da dinâmica da realidade.

Bourdieu (2004) diz que a obra literária carrega um certo anacronismo, mas que, ao mesmo tempo, é reinterpretada e contribui para a reatualização e reflexão de questões contemporâneas, principalmente ao dialogar com a história, como nos mostra a obra *Longa Pétala de Mar*, de Isabel Allende, dado que todo historiador e todo escritor são um sujeito-leitor e um sujeito histórico, que contribuem para a construção de sentidos e percepções. E a obra literária é mediadora entre o autor e o público, e este é mediador entre o autor e a obra, na medida em que o autor, só adquire consciência da importância de sua obra quando toma ciência da reação dos leitores, conforme aborda Candido (2023). Por isso, podemos dizer que historiadores e escritores tomam ciência da importância de seus textos através do incomodo e da admiração que desencadeiam nos seus pares, nos leitores e possíveis censores. E, textos literários que dialogam com a história como o romance *Longa Pétala de Mar*, que analisa a chegada do franquismo na Espanha e os efeitos da ditadura do general Augusto Pinochet devem ser considerados como fontes históricas. Por isso, Isabel Allende dialogando com a história contribui para a compreensão da ditadura e seus efeitos na sociedade e na economia chilena. Uma obra que contribui para os historiadores interessados na ditadura civil-militar chilena. Afinal, naquela “*Longa Pétala de Mar, vinho e neve*” o medo reinava, assim como as políticas neoliberais.

Ninguém protestava. Os trabalhadores esmagados, tinham perdido seus direitos, podiam ser despedidos a qualquer momento e agradeciam qualquer remuneração, porque na porta havia uma fila de desempregados à espera de uma oportunidade. Era o paraíso dos empresários. A versão oficial era de um país ordeiro, limpo, apaziguado, a caminho da prosperidade. Victor pensava nos torturadores, nos mortos, nos rostos dos homens que conhecera na prisão e nos desaparecidos. As pessoas tinham mudado. Custava-lhe reconhecer o país que o acolhera com o abraço de uma multidão 35 anos antes, país que ele amava como seu (Allende, 2019, p. 219).

Referências

- ALLENDE, I. *Longa Pétala de Mar*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2019.
- BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: Estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Todavia, 2023.
- DIEHL, R. de M. *Os mouros na cruzada de Franco: a participação de muçulmanos na Guerra Civil Espanhola (1936-1939)*. Disponível em <https://historiaislamica.com/pt/mouros-muculmanos-guerra-civil-espanhola-franco>.
- ECO, U. *O fascismo eterno*. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- FREDERICO, C. *A sociologia da literatura de Lucien Goldmann*. Estudos Avançados, v.19,n.54,p.429-446,2005.Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10088>. Acesso em: 29 jan. 2023.
- GIBSON, I. *O assassinato de Garcia Lorca*. São Paulo: L&PM, 1979.
- GUSMÃO, R. L. de. A Guerra Civil Espanhola (1936-1939) nas páginas do jornal O Globo. *In: Revista Desenvolvimento Socioeconômico em Debate*, v. 8, n. 1, p. 45–68, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/RDSD/article/view/7315>.
- KONDER, L. *Introdução ao Fascismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- PUPIN, A. M. A hispanidade reivindicada: Pinochet e a apropriação do franquismo no Chile (1973-1975). *In: Revista Eletrônica da ANPHLAC*, Nº 29, p.185-204, Ago/Dez., 2020. Disponível em: <https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/3910/3333>
- SOUZA, I. I. de. *O Brasil na trama do conflito: sociedade e governo diante da Guerra Civil da Espanha (1936-1939)*. *In: A guerra civil espanhola e a América Latina*. Horácio Gutiérrez. (Organizador) – São Paulo: PROLAM/SEPAL/USP: CEDHAL/USP: ECA-USP, Terceira Margem, 2018. 477 p.
- TOMANIK, G. B. Memórias, deslocamentos, lutas e experiências de um exilado espanhol: Pedro Brillas (1919-2006). *Tese* (Doutorado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.